ANNO XXIV DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 7 DE MAIO DE 1905 — N.º 1:099 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 300

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

O SR. JOÃO FRANCO

O sr. João Franco falou. E o auctor da lei de 13 de fevereiro, e da odiosissima reforma eleitoral, lamentou que em Portugal não houvesse mais liberdade e mais respeito pela soberania popular!

E' inutil dizer que não faltarão, a esta hora, republicanos no paiz embevecidos de admiração perante o dictador do Alcaide, e piscando o olho d'alegria na espectativa esperançosa do homem se tornar dentro em pouco republicano. Então é que era! Elle a fazer-se republicano e a Republica em Portugal em menos de dois mezes. Então é que era!

Pela nossa parte, diremos que se o sr. João Franco não fosse, já, para nós, a creatura mais detestavel d'esta terra, ficava-o sendo desde este momento.

Ainda chegámos a suppôr, ao principio, que o sr. João Franco teria, ao menos, a virtude de ser um homem coherente nos seus actos e nos seus processos.

Que o sr. João Franco era um valentão d'aldeia, e nada mais, sabiamo-lo nós. Mas se persistisse, ao menos, n'esse feitio, tinha um merito a notar. E merito extraordinario, devemos dize-lo. Não em relação aos principios. Mas em relação á espantosa fraqueza de caracter, de que todos os homens publicos, e de todos os partidos, dão provas repetidas entre nós. Merito de tal influencia, que foi essa reputação de valentão, póde-se dizer, o unico titulo que levou o sr. João Franco a chefe de partido em Portugal.

Não foram as suas qualidades de orador, nem de escriptor, nem de politico consummado. Uma só coisa o elevou, uma só coisa o consagrou: ter mão de redea, ter pulso forte, ser capaz de montar e de chicotear a besta nacional.

Perante os principios, nada mais abominavel. Em relação a este meio dissoluto, onde se afundaram todos os caracteres, onde se dissolveram todas as energias, onde se apagaram todas as vontades, comprehendia-se que isso podesse constituir um merecimento, e que fosse, para muitos homens, um elemento de força e de attracção.

Ora João Franco, que vinha ha muito diminuindo essa qualidade, acaba, desastrosamente, de a liquidar.

Não sabemos se isto terá dado nas vistas dos dirigentes d'esta terra. E', no emtanto, o ponto culminante da attitude politica que acaba de assumir o dictador do Alcaide, que vem de se revelar na camara um habilidoso commum, usando os expedientes gastos, e empregando os termos desacreditados, de todos os outros especuladores monarchicos.

Nem mais, nem menos.

Todos elles, na opposição, renegam os actos que commetteram no poder. Todos elles promettem, quando voltarem de novo á governança, emendar as leis más que fizeram, ou que, pelo menos, conservaram. Todos elles fazem a côrte aos republicanos, e todos proferem phrases bombasticas em honra da moralidade e da liberdade nacional. Causando nojo ao paiz, que os desprezou á força de os ver pantomineiros.

Ora se João Franco fosse um homem de verdadeiro valor, nem poderia cahir em expedientes gastos e desacreditados, nem, em caso algum, mesmo que a tempera do seu caracter fosse fraca, os adoptava. Para isto bastaria, simplesmente, ser esperto.

Não é esperto. Póde-se affirmar que é, mesmo, o mais mediocre de todos os homens publicos portuguezes. Porque João Franco devia attender a que as suas condições eram differentes, e ter em vista aquelle axioma popular de que quanto mais alto se sobe mais desastrosa é a queda. A sua vantagem, e a sua superioridade, estariam todas em manter a razão do seu prestigio. E esse prestigio perdia-se no momento em que o *grande homem* se nivelasse com os *ginjas* da rotação constitucional, ficando então, pelo effeito miseravel da queda, abaixo d'elles todos.

Não é João Franco o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro, que proclama que os republicanos deveriam entrar na camara. Não é João Franco o primeiro, nem o decimo, que grita contra a lei eleitoral. Todos, ou quasi todos os membros actuaes do ministerio progressista, gritaram contra ella. E a gente séria,—nem tinha outra coisa a fazer—encolheu os hombros e riu-se.

Mas nenhum d'esses tinha, a pesar-lhe sobre os hombros, nem a reputação nem a responsabilidade de João Franco. E' o caso! João Franco apparecia no tablado da politica portugueza como homem de tragedia. Os outros estavam já consagrados como homens de comedia. João Franco surgia com a aureola de homem *de antes quebrar que torcer*. Os outros, coitados, toda a gente os conhecia como *pau para toda a obra*. A que fica reduzido João Franco adoptando os espedientes da comedia, que nem teve a originalidade de inventar? Que, pelo contrario, adopta depois de usados e estafados? A que fica reduzido João Franco passando de pau de marmeleiro a canna doce?

Dirão os bacocos: «Mas póde o homem ter recon[illegible]erado!»

Então não é cá preciso. Para reconsiderar já nós tinhamos de sobra.

Sob qualquer aspecto porque se encare, a quéda de João Franco, como *endireita*, é desastrosa. E, no fim de contas, era a sua unica missão. A sua missão era *endireitar*. João Franco comprehendia-se, e como tal se impunha, como um dictador, como um collaborador do engrandecimento real, como um dos grandes elementos da reacção monarchica. Se João Franco fosse á camara clamar a favor da reacção, berrar contra os republicanos, defender a lei eleitoral, João Franco poderia continuar sendo uma força e uma esperança. Mas convertido em *liberaleiro*, a renegar os actos que hontem praticou e que ámanhã praticará outra vez, a lisongear os republicanos que ámanhã tornará a perseguir como animaes ferozes, tornou-se ridiculo, e não póde deixar de ser alvo da gargalhada publica.

Nem adquiriu prestigio para os que são sinceramente realistas, nem para os que são sinceramente republicanos. Nem o favor d'uns, nem o favor d'outros. Para todos se apresentou como um verdadeiro charlatão. Se duvidas havia a esse respeito, desfizeram-se agora por inteiro.

A lei eleitoral! Mas elle fez a lei eleitoral porque o rei quiz que se fizesse. Mas a lei eleitoral mantem-se porque o rei quer que se mantenha. A quem julga illudir João Franco?

Quer-nos convencer João Franco, ou a alguem, de que será capaz de luctar, se fôr ao poder, com a vontade do rei?

Onde João Franco pareceu *franco* não foi senão cynico. Não ha duvida de que elle está na camara, como todos os deputados, porque o governo consentiu que elle lá fosse. Mas quem foi o auctor do regimen eleitoral que admitte monstruosidades de tal ordem? Quem foi?

Admittamos que João Franco está arrependido de tão monstruoso attentado. Não sabe João Franco que se o governo actual não reforma a lei eleitoral é porque o rei não quer? Sabe. E elle ámanhã, se fôr governo, pede a sua demissão, e a do ministerio a que presidir, se o rei, como é provavel, ateimar no seu proposito? Não, não, e não. Não ha duvida nenhuma. Logo João Franco, julgando ludibriar os outros, não foi mais que ludibrio de si proprio.

Julgando representar uma comedia, já não conseguiu senão representar um entremez.

Capitão Homem Christo

"PRO PATRIA,,

E' effectivamente posto á venda esta semana, como no domingo annunciamos, o livro do sr. Homem Christo, com 550 paginas, numerosos fac-similes e gravura, que o tornam sobremodo interessante.

O seu preço é de 900 réis. Os assignantes do POVO DE AVEIRO, que o pretenderem, e o quizerem receber directamente em Aveiro ou Coimbra, recebe-lo-hão com o desconto integral de 20 %, ou por 720 réis. Para isso basta que o participem a esta redacção, por meio de um bilhete postal. Será entregue directamente á pessoa que fôr indicada e que o pagará no acto da entrega. Para os assignantes das outras localidades accresce a importancia do porte e será enviado áquelles que nos remetterem a quantia de 780 réis.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

1 de maio.—Combate do Alto do Viso, 1847.

Foi o ultimo combate da guerra civil conhecida pelo nome de Maria da Fonte.

A esse tempo já a causa da revolução estava completamente perdida, por imbecilidade e traição, imbecilidade d'uns e traição d'outros, dos chefes revolucionarios. A esquadra ingleza começava a operar e entrava em Portugal o general Concha á frente do exercito hespanhol.

Eis como o auctor da *Decada da Historia Contemporanea* se refere ao combate:

«O visconde de Sá da Bandeira conservava-se em Setubal sem tentar nenhum movimento contra as tropas da rainha. Esta inacção era o resultado de um plano seguido desde o principio da guerra:—ostentar perante a rainha grandes forças e recursos, e mostrar a impossibilidade de vencimento obrigando assim a ceder á evidencia.

Nos ultimos dias de abril de 1847, o coronel inglez Wilde, o negociador da conciliação entre a corôa e o povo, por parte da Inglaterra, apresentou-se ao visconde de Sá da Bandeira e propoz um armisticio. A officialidade, sabendo da proposta, apresentou-se ao visconde de Sá, e representou-lhe o desgosto que se manifestara na tropa ao saber de tal proposta, e que pedia para se bater.

O armisticio não foi acceite n'essa occasião; o visconde de Sá, ainda que de má vontade, determinou o ataque para o 1.º de maio.

Com effeito as forças sahiram de Setubal, atacaram as forças da Rainha, e levaram a principio reconhecida vantagem; mas a falta de plano e de unidade fez que não fosse aproveitada essa primeira vantagem; as forças da rainha recuperaram-se do primeiro revez e o resultado da acção do Alto do Viso foi completamente nullo; as forças populares recolheram a quarteis. E coisa notavel! em re-

lação ás forças empenhadas na acção, que não excederiam 5:000 homens, o numero de homens fóra do combate foi espantoso, pois orçou por 800 homens de ambos os lados. A expedição ao sul do Tejo não dava pois o resultado que se esperava; o governo ia-se conservando, apesar d'ella; a rainha não cedia, jogava a corôa n'esta pertinacia.....»

—

(Por motivos imprevistos não recebemos as datas 2 e 3 referentes a esta secção.)

—

4 de maio.—Abre-se a assembléa constituinte franceza, 1848.

—

5 de maio.—Morre Napoleão I, 1821.

Nasceu a 15 de agosto de 1769. Iniciou a sua carreira militar quando em 1793 ardía a guerra em toda a França. O general Carteaux mandado para o sul pelo governo republicano para conter a insurreição nada conseguiu não attendendo os conselhos que lhe dava Bonaparte, então capitão de artilheria e seu subordinado. Succedeu-lhe Dugommier, e este, mais intelligente e mais sabedor, attendeu á opinião de Bonaparte, que lhe fez sentir que a quéda de Toulon dependia exclusivamente da quéda do forte de l'Eguillade e que lhe propôz a collocação de baterias em certa posição. Nomeado commandante geral de artilheria com o posto de ajudante general, Napoleão executou os seus planos e no dia 19 de dezembro de 1793 cahiu Toulon no poder dos francezes. Logo em seguida recebeu o commando da artilheria do exercito de Italia, logar que occupou pouco tempo devido á morte de Robespierre.

Entretanto o partido vencido no dia 9 de thermidor levantava de novo a cabeça e no dia 5 de outubro de 1795 as secções parisienses insurgidas marchavam contra a convenção. Barras foi encarregado de reprimir o movimento que tomara um caracter sério. Precisava de um general e não tinha em Paris com quem podesse contar. Foi Bonaparte escolhido para restabelecer a ordem. Esse movimento que ameaçava ser temivel, n'um instante se reprimiu. O governo grato a este grande serviço nomeou Bonaparte commandante em chefe do exercito do interior com o posto de general de divisão. Concorreu em parte para esta nomeação o seu casamento com Josephina Beauharnais que fascinou por completo este moço general.

Bonaparte de dia para dia se tornava considerado no exercito ao ponto de ser elle a impôr a sua vontade e quem se substituia indirectamente ao governo legal da republica.

Esse prestigio e a ambição cada vez mais desenvolvida de Bonaparte assustaram o Directorio. Déram-lhe então o commando de varias expedições ao oriente para o affastar assim dos negocios da republica.

Estava no Egypto quando n'essa occasião lhe chegaram ás mãos jornaes da Europa d'onde não lhe vinham noticias havia muito tempo. Por elles soube que se reaccendera a guerra entre a França e a Austria. Tratou logo de se pôr a caminho da França, e a 9 de novembro de 1799 deu Bonaparte o golpe de estado.

A sua ambição exaggerada, levou-o a luctar com grandes difficuldades porque em quasi todos os paízes sustentou guerras tentando tomalos como fez em Portugal.

O anno de 1814 abria-se para Napoleão com funestos auspicios. De todos os lados avançavam os colligados, tentando apertar a França no circulo de ferro. O Senado, que fôra o villissimo executor das suas vontades, agora revoltava-se e proclamava a sua deposição; os marechaes fatigados mostravam-se frios e eram os primeiros a aconselhar a Napoleão que abdicasse. Quiz ainda resistir mas não poude. Abdicou em Fontainebleau no dia 11 de abril de 1814, depois de ter tentado envenenar-se. Dirigiu então á sua guarda imperial as mais tocantes despedidas, e partiu para a ilha d'Elba, que lhe fôra concedida como irrisoria soberania.

Passado um anno, vendo que Luiz XVIII se tornava profundamente antipathico em França, e convencido de que esta acolheria bem a sua volta, partiu secretamente da ilha d'Elba, e a 20 de março de 1815 entrava nas Tulherias de onde Luiz XVIII acabava de fugir.

Manifestou desejos de se manter em paz com a Europa, mas esta declarou-se intransigente, e Napoleão teve de entrar de novo na lucta.

—

6 de maio.—Alguns corpos sublevam-se no Rio de Janeiro e obrigam D. Pedro a apresentar umas bases de reformas que assegurem as garantias de liberdade no Brazil, 1821.

—

7 de maio.—Execuções capitaes no Porto, 1828.

Soriano transcreve de Pinho Leal o seguinte:

«Dia que marca uma das paginas mais negras da nossa historia. Os juizes da alçada *de execranda memoria*, por accordo de 9 de abril d'este anno, haviam condemnado dez liberaes á pena de morte na forca (o que se executou na Praça Nova do Porto, hoje Praça de D. Pedro, sendo-lhes depois cortadas as cabeças, que foram expostas n'esta cidade, na Feira, em Aveiro e em Coimbra), treze a degredo para a Africa e India (sendo quatro de mais baixa condição condemnados a açoites, que soffreram a 16 de junho). Note-se que algumas testemunhas, que mais depozeram contra estas infelizes victimas, se fizeram depois de 1834 encarniçados liberaes, e foram os mais crueis perseguidores dos realistas. Os dez desgraçados, que n'este dia de eterno horror pagaram com a vida as suas convicções politicas (e alguns as inimisades particulares), foram os seguintes:

«Bernardo Francisco Pinheiro, capitão de ordenanças, natural do logar das Ayras, freguezia de S. Jorge, no concelho da Feira.

«Clemente da Silva Mello Soares e Freitas, juiz de fóra da Feira, natural d'Aveiro.

«Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, desembargador da casa da supplicação.

«Francisco Silveiro de Carvalho, fiscal dos tabacos, natural d'Aveiro.

«Joaquim Manuel da Fonseca Lobo, tenente coronel do batalhão de caçadores n.º 11, natural do Porto. Este homem nunca foi liberal. Quando cahiu a constituiçao em 1823, era major de caçadores n.º 4; e tendo no alto mar e a bordo do *Grão Canoa* (onde vinha o batalhão), noticia, por uma escuna portugueza, da acclamação de D. João VI como rei absoluto, dá a voz de preso ao tenente coronel, e faz a acclamação, mandando calcar aos pés dos soldados os laços azues e brancos, e substituil-os pelos azues e encarnados. Tanto se não julgava cumplice, que nem quiz fugir para Inglaterra, nem emigrar para a Galliza com o seu batalhão, e se deixou ficar no Porto, sendo preso a 15 de dezembro de 1828.

«José Antonio d'Oliveira da Silva Barros, empregado no tabaco, natural do Porto.

«José Maria Martiniano da Fonseca, bacharel em direito, natural da ilha da Madeira.

«Manuel Luiz Nogueira, juiz de fóra de Aveiro, natural do Porto.

«Victorio Telles de Medeiros, tenente coronel das milicias da Louzã, natural da freguezia de Ceira, concelho de Coimbra. (Foi a paga que se lhe deu de ter voltado do acampamento da Galliza para o Porto).

«Antonio Bernardo de Brito e Cunha, contador da real fazenda, natural do Porto.

Ainda em 9 de outubro d'este anno de 1829, foram enforcados na Praça Nova do Porto, dois infelizes, que foram:

«Clemente de Moraes Sarmento, sargento de caçadores n.º 10, natural de Aveiro.

«João Ferreira da Silva Junior, filho familia, natural de Albergaria a Velha.

«Todas as sentenças d'estas doze victimas, declaravam, que ficavam *exauctorados e privados de todas as honras, privilegios e dignidades de que gosavam, e condemnados a que com baraço e pregão fossem levados pelas ruas publicas do Porto até ao largo da Praça Nova, e na forca, que na mesma se havia de levantar, morressem enforcados, sendo-lhes depois cortadas as cabeças, para se affixarem n'um alto poste nos logares do delicto.*»

Foram tambem condemnados á confiscação de todos os seus bens.

No livro de Soriano vem a nota seguinte:

«O prestito funebre dos desgraçados acima referidos, saíu das cadeias da relação pela volta das dez horas da manhã de 7 de maio de 1829, compondo-se não sómente dos reus condemnados á morte, mas igualmente de uns quatro sentenceados a assistir ás execuções. A sua marcha foi pela porta do Olival, calçada dos Clerigos, largo dos Loyos, e d'aqui para a Praça Nova, onde se fizeram as execuções, que findaram pela uma hora da tarde do referido dia. Esta horrorosa hecatombe foi tida pelo geral dos miguelistas como um solemne triumpho da causa que defendiam, e portanto como justo motivo de satisfação e regosijo, e reputando as respectivas victimas da sua tyrannia como inimigas da especie humana, do throno, do estado e da sociedade. O furibundo jornal, *Correio do Porto*, julgou este acto como uma satisfação á justiça de Deus, e d'el-rei, sem que a natureza gemesse. O referido jornal dava tambem a respectiva sentença como a mais justa, a mais considerada e prudentissima, dizendo: «está pois vingada a justiça, e o está por uma alçada, respeitavel pelo numero dos seus ministros, e qualidade das suas pessoas. Ella fez um serviço a Deus, a el-rei e á sociedade, como illustrada e imparcial, livrando-a de homens monstruosos, cheios de crimes, dando assim um exemplo á mocidade, para que se desencadeie d'essa perniciosa seita, em que se faz profissão de não reconhecer devindade alguma, nem virtude, nem lei, nem auctoridades.»

Soriano continua a referir:

Assistiram ás execuções de 7 de maio de 1829:

«Francisco Antonio de Abreu e Lima, corregedor de Aveiro, natural da cidade de Vianna. Foi condemnado na exauctoração e privado de todas as honras e privilegios de que gosava e depois morrer enforcado. Foi-lhe intimada a sentença em 4 de maio e subiu logo ao oratorio. Em 6, por via de embargos, foi alliviado da pena de morte e condemnado a ir assistir ás execuções, que se haviam de fazer no dia 7, sendo depois degradado por toda a vida para o presidio das Pedras Negras (Africa), com pena de morte se voltasse ao reino. Foi assistir á execução no dia 7.

Foram condemnados a igual pena e a assistirem tambem ás execuções do dia 7:

«José Ferreira Pestana, oppositor na faculdade de mathematica na universidade, e ajudante do respectivo observatorio, natural da Ilha da Madeira.

«Manuel José Peixoto, cirurgião, natural de Oliveira de Azemeis.

«Victorino José da Silva Teixeira de Queiroz, capitão do regimento de milicias de Penafiel, natural de Bayão.

O CONVENTO DAS CARMELITAS

E OS

REACCIONARIOS DE AVEIRO

Como vimos, bastaria a circumstancia dos defensores do convento allegarem como razão historica a favor da conservação do velho pardieiro o facto d'elle nos fazer *ver em espirito o lar e o viver faustoso de uma familia nobre e rica*, d'elle nos indicar que alli viveram *senhores de terras, duques e duquezas enlaçados muito de perto com reis e principes*, para demonstrar o espirito tacanho, mesquinho, desprezivel de todos aquelles que em Aveiro se oppõem ao grande melhoramento que se projecta.

D. Brites de Lara foi uma *grande pandega*, que nos *serões e outras festas luzidas*, como diz o Papa-Sellos, se fartou de tirar a *barriguinha de miserias*. Isso é um facto historico averiguado. Mas que fosse a creatura mais pacata do mundo. Não é estupidez, não é baixeza, não é demonstrar espirito de abjecção o pretender que uma terra fique embaraçada nos seus progressos, só para conservar recordações de que não foi uma simples terra de pescadores e de hortelãos, mas tambem terra de duques e duquezas enlaçados muito de perto com reis e principes? Evidentemente. Não póde haver duas opiniões a tal respeito. E se ha coisa repugnante no homem é, precisamente, o espirito servil.

E, sobretudo, quando esse espirito envolve um outro não menos ruim e não menos vil: o do desprezo pelo povo. Que é o caso agora aqui. Por mais que os miseraveis que defendem a conservação do convento das Carmelitas tentem, —porque não lhes convem patentea-lo—encobrir o profundo desprezo que sentem pelas multidões, não o podem conseguir. N'esse orgulho estupido de mostrar que Aveiro não foi *em tempos idos* apenas habitada *por pobres pescadores e humildes hortelãos* não vae outra coisa senão o mais absoluto desprezo pelas classes populares.

Os *senhores de terras*, como já dissémos n'outro dia, *os duques e duquezas enlaçados muito de perto com reis e principes*, viveram do mais odioso privilegio, exercendo sobre o povo a mais revoltante tyrannia. Pois bem. O povo que se prive das suas commodidades e dos seus interesses para prestar homenagem á memoria dos seus tyrannos. Que idiotas!

Falta-nos apenas saber se é tambem por amor dos *senhores de terras*, dos *duques e duquezas enlaçados muito de perto com reis e principes*, que o sr. Ramalho Ortigão se pronuncia a favor do convento. Deve ser. O sr. Ramalho Ortigão foi republicano declarado, como se sabe. Presidiu em Lisboa a comicios abertamente republicanos, e associou-se a outras manifestações de caracter anti-monarchico. Depois d'isso converteu-se no mais feroz cortezão. Sabem como elle explicava essa reviravolta? Sabem o que elle dizia? *Que o povo cheirava mal!*

Ora se o sr. Ortigão deixou de ser republicano só *por o povo cheirar mal*, não admira nada que defenda a conservação do convento das Carmelitas guiado pelo criterio do *Papa-Sellos*, isto é, *porque aquelle monumento historico nos faz ver em espirito o lar e o viver faustoso d'uma familia nobre e rica, porque nos indica, emfim, que aqui viveram senhores de terras, duques e duquezas enlaçados muito de perto com reis e principes.*

Olé!

Quem deixou de ser republicano *por o povo cheirar mal*, quem se converteu de jacobino no mais feroz cortezão, não foge, certamente, ás influencias reaccionarias. Ora é sabido em Aveiro que o *Papa-Sellos* já abichou **oitenta mil réis** ás *freirinhas*, a titulo de despezas a favor da propaganda em que anda empenhado. Que especie de influencias terão sido exercidas junto do sr. Ramalho Ortigão?

Se as freirinhas já gastam *oitenta mil réis* só em propaganda, se gastarão **quatro centos** ou **quinhentos**, se fôr preciso, imaginem o que a clericalha não fará de pressões para vencer a partida.

E' claro que o sr. Ramalho Ortigão não é o *Papa-Sellos* e não se vae vender por uns miseros vintens. Não queremos, de modo algum, insinuar tal coisa. Mas o sr. Ramalho deixou de ser republicano *por o povo cheirar mal* e hoje é creado do Paço. E no Paço ha quem seja, n'essas coisas de religião, mais papista que o Papa!

O peor é se o sr. Ramalho Ortigão vem a mudar a casaca, emerito como é n'essas mutações, como já a mudou o Papa-Sellos.

O *Papa-Sellos* disse em tempos: «*Não são as tradicções historicas nem tão pouco os primores de arte que tornam celebre o convento de S. João Evangelista*, (carmelitas) mas sim as acrysoladas virtudes das suas habitadoras que em todos os tempos tem observado fielmente os preceitos que Santa Thereza legou á sua ordem... O convento, que ainda em parte conserva a fórma do antigo paço ducal, possue amplos dormitorios; *mas os primores de arte não teem alli guarida.*»

Assim dizia *Papa-Sellos*. Hoje diz exactamente o contrario. Da mesma fórma que o sr. Ramalho Ortigão dizia mal da monarchia e hoje diz mal da republica. Quem sabe lá se o sr. Ramalho Ortigão ainda será capaz de dizer sobre o convento das Carmelitas o contrario do que está dizendo hoje?

Nós temos esperança!

O que é certo é que n'esta questão andam interesses varios e é indispensavel que os vejam claramente todos aquelles que teem amor aos progressos d'esta terra. São, em primeiro logar, os interesses propriamente da reacção, que valendo muito pouco em Aveiro, póde valer muito em Lisboa. Affirma-se que o bispo de Coimbra se tem conservado neutral n'esta questão. Nós não acreditamos. Sim, podem affirma-lo cem vezes, que nós não acreditamos. Mas mesmo que assim seja, não ha de ser difficil ter chegado até *á alta personagem* que preside a todos os manejos reaccionarios em Portugal. E que essa pessoa já está mettida no caso vê-se perfeitamente pela attitude do sr. Ramalho Ortigão.

Não ha duvida nenhuma, continuamos a affirma-lo, affirma-o o proprio *Papa-Sellos*, affirma-o toda a gente, que no convento das Carmelitas não ha valor artistico algum. Como é que Ramalho Ortigão apparece calorosamente a defender o convento, como se se tratasse do convento dos Jeronymos ou do convento da Batalha? E' o dedo da dama do *Sacré Cœur!* Tenham a certeza d'isto.

Em segundo logar são os interesses d'uma politica infame, reaccionaria e de campanario ao mesmo tempo, á frente da qual se encontra o sr. Mattoso. Este celebre capitão-mór diz em Lisboa a todo o mundo que a Avenida do Terreiro se não ha de fazer, e que, para isso mesmo, não ha de ir abaixo o convento. E com esta attitude se conjuga a attitude do pasquim dos francaceos, e a attitude da chafarica commercial, commandada pelo pequenino Domingos. E' certo, ao que parece, que nem todos os francaceos estão a favor da conservação do convento. Mas todo o mundo vê como o pasquim reaccionario, que até já se diz liberal,—foi sempre velha trica dos reaccionarios proclamar a liberdade para melhor afogar a liberdade—todo o mundo vê como esse pasquim quebra lanças em defeza do velho pardieiro.

E' a opinião dos garotos que o redigem? Só um tolo o acreditaria. Não. E' a opinião dos *marechaes*. E' Jayme Lima de intimo accordo com Mattoso. E os dois a conspirarem contra os interesses da terra, por odio aos de Agueda, e, ao mesmo tempo, n'alguns d'elles—Jayme Lima e pequenino Domingos, por exemplo—por espirito reaccionario.

Não esqueça, pois, que Mattoso anda a berrar por Lisboa que o convento não ha-de ir abaixo, que a

Avenida se não ha de fazer, **porque elle não quer**, ao mesmo tempo que o pasquim dos francaceos emprega todas as intrigas, todas as torpezas, todas as infamias do costume contra a iniciativa do presidente da camara, e ao mesmo tempo que o pequenino Domingos, como emprezario da chafarica commercial, desata furiosamente a elogiar Mattoso.

E eis bem esclarecido o conluio infame.

Vejamos claro, para estarmos prevenidos para tudo.

Gralhas

O nosso ultimo numero sahiu com alguns vergonhosos erros de revisão.

Entre outros, no artigo *O Convento das Carmelitas e os Reaccionarios de Aveiro*, sahiu *representante de nojentas cavallariças* em vez de *representante de nojentos cavallariços*. E assim por deante.

Um nosso assignante pede-nos a publicação do que se segue:

Ao sr. Governador Civil

Está levantando geraes clamores por parte de toda a gente sensata a fórma porque é requesitada na respectiva repartição do governo civil a identidade de pessoa d'aquelles que se desejam ausentar para o estrangeiro.

Na verdade, tolher a liberdade do cidadão por uma exigencia futil, que facilmente se satisfaria na localidade do emigrante, mas que em Aveiro, actualmente, se torna impossivel de conseguir, é, além de deshumano, uma affronta ás suas regalias de cidadão e homem de bem.

Não ha hoje, n'esta cidade, por muito estreita que seja a amisade que nos ligue a homens do districto, quem se aventure a prestar fiança ao mais honrado cavalheiro que desconheça, embora elle venha sobrecarregado com recommendações, as mais justificadas e honrosas.

E tem de voltar, o misero, para a terra da sua naturalidade, chorando o dinheiro e tempo que perdeu e bem assim a esperança de ver familia ou fortuna n'outros paizes para onde se deseja expatriar.

Mas havendo meios de se remediar o mal, porque se não aproveitam? Onde em parte alguma se póde melhor formar o processo e reconhecer a identidade do cidadão que nas respectivas administrações concelhias aonde os emigrantes pertencem?

Sabemos bem que a regularisação d'estas cousas não está na mão do illustre Governador Civil d'este districto, mas sabemos tambem que se s. ex.ª quizer empregar os seus bons officios poderá remediar o mal, de fórma a não serem lesados os interesses dos que se ausentam e egualmente os do commercio local, que tambem com isso se resente.

A recente prisão de um honrado artista d'esta cidade, após a uma outra d'um commerciante tambem d'aqui, dá ensejo ao publico a retrahir-se a taes commettimentos e a nós incentivo a indereçar a v. ex.ª este pedido, no que prestará, attendendo-o, um alto beneficio a todos e não soffrendo com isso o thesouro publico a mais insignificante parcella.

Confiamos, portanto, do alto criterio de v. ex.ª que estas cousas se remediarão, e que não mais teremos o desgosto de ver partir individuos para as suas naturalidades com as lagrimas nos olhos, e o seu dinheiro gasto, e patricios nossos envolvidos em processos infamantes sem que para isso tenham contribuido, a não ser com a generosidade do seu coração.

Confiamos que assim succeda por que é de todo o ponto justo e rasoavel. E v. ex.ª, que sempre soube fazer justiça, mais uma vez a fará agora. Confiamos.

Aveiro, 5—5—905.

Um assignante.

INFORMAÇÕES LOCAES

Largo Luiz Cypriano.—Tem causado agradavel impressão a todos a bem delineada e acabada obra de ajardinamento d'esta pequena praça.

A inveja tambem lá tem quinhão, mas, por emquanto, ainda se não manifestou. Até vêr...

Pedem-nos para lembrar ao sr. presidente da camara a conveniencia de ajardinar egualmente o pequeno largo fronteiro, pois faria um conjuncto muito agradavel, aformoseando bastante o local.

Assim o entendemos tambem.

Gabriel Ançã.—Acaba o governo de dar o subsidio diario de 400 réis ao velho marinheiro e destemido lobo do mar.

Não veio portanto em manhã de nevoeiro a recompensa devida aos humanitarios serviços do velho Ançã, e ahi tem o pobre com que passar honradamente o resto da sua velhice.

Foi justa a recompensa.

Festas de maio.—Vão muito adiantados os trabalhos das commissões para a ornamentação das ruas e preparativos para os demais festejos á Santa Joanna.

Espera-se que seja a festa religiosa de mais vulto que aqui se tem realisado

De fóra consta vir enorme concurso de povo.

Desastre e morte.—No dia 1.º de maio, um rapaz de 15 annos, de nome Francisco, filho de João da Graça, d'esta cidade, andando a fazer gymnastica aos hombros d'um outro rapaz, ou por que cahisse ou porque o outro o deitasse a terra, e de tal maneira se magoou que veio a fallecer na quarta-feira d'esta semana.

Não sabemos se a policia averiguou como o facto se passou.

O infeliz rapaz foi um martyr na vida. Parece que a roda do infortunio só o attingia a elle. Quédas sobre quédas, uma especialmente que o pôz ás portas da morte, queimadellas, fome, prestes a afogar-se, etc., etc.

A seu irmão o sr. Americo da Graça, o nosso cartão de pezames.

A illuminação da cidade.—Consta-nos que a camara municipal está disposta a levar aos tribunaes a celeberrima questão do gaz.

E' certo que a illuminação foi melhorada, tanto na força dos bicos como na hora de accender e apagar, mas agora trata-se de compensar essa melhora diminuindo consideravelmente a luz da meia noite até de manhã, a ponto de alguns candieiros se apagarem por completo.

E como a reincidencia vae sendo manifesta é de presumir que a camara deixe d'esta vez de ter considerações para quem nunca as teve para com ella e muito especialmente para com o publico. E' o seu dever.

Todas estas coisas nos levam a crêr que a Companhia do Gaz, em breve tempo, apenas terá por consumidor o municipio. Se este a não pozer tambem á margem.

Theatro Aveirense.—Nos dias 13 e 14 do corrente vamos ter no nosso theatro duas esplendidas recitas, *Os tres Anabaptistas* e a *Nossa Mocidade*, pela esplendida companhia do «Theatro D. Amelia», de Lisboa.

Teremos, por isso, mais uma vez occasião de apreciar os raros talentos scenicos de Brazão, Rosas e Alleluia Abranches.

E' de contar que haja farta concorrencia de espectadores por tal motivo.

Fallecimento. — Pela morte de sua filha, a menina Zaira de Mello, está de luto o sr. Joaquim de Mello Pinto Leitão, a quem enviamos o nosso cartão de condolencia.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Mix.	Mix.	Rap.	Mix.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Lisboa.....	7	11,5	4,30	7,5	9,30
		T.		M.	M.
Entronct.º..	=	1,40	6,19	1	12,21
	T.				
Coimbra ...	2,51	6,9	8,17	6,11	3,28
Pampilhosa.	3,23	7,11	8,35	7,3	4,1
Mogofores..	3,51	7,56	=	8,8	4,38
O. do Bairro	4,4	8,9	=	8,22	4,50
Aveiro.....	4,34	8,43	9,18	8,57	5,18
Estarreja...	5,26	9,45	=	9,27	5,40
Ovar.....	5,53	10,13	=	9,52	5,59
Espinho....	6,30	10,54	=	10,26	6,23
Porto(S.Bt.º	7,47	12,14	10,40	11,34	7,28

DO PORTO A LISBOA

	Mix.	Mix.	Mix.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Porto(S.Bt.º	4,35	11	1,15	4,20	7,55
		T.			
Espinho....	5,26	12,7	3,25	=	8,48
Ovar.....	6	12,34	3,54	=	9,12
Estarreja...	6,25	1,4	4,22	=	9,36
Aveiro.....	6,45	1,29	4.41	5,41	9,53
O. Bairro...	7,22	2,32	5,25	=	10,32
Mogofores..	7,36	2,57	5,38	=	10,45
Pampilhosa.	7,57	3,22	5,59	6,21	11,7
Coimbra....	8,33	4,1	7,3	6,40	11,33
	T.		M.		M.
Entronc....	1,29	=	12,37	8,48	2,42
Lisboa.....	3,42	11,55	5	10,40	5,40

Tramways—Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: de S. Bento, de manhã, 7,7; de tarde, 6,7. De Aveiro para S. Bento, de manhã, ás 3,55 e 10,15; de tarde, ás 4,46.

Mercado de Aveiro. — Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	1$000
» encarnado.....	1$100
» manteiga.....	1$000
» amarello.....	1$000
» misturado.....	600
» caraça.....	1$100
» frade.....	750
Milho branco.....	840
» amarello.....	820
Trigo gallego.....	1$100
» tremez.....	900
Cevada.....	700
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	540
Ovos, duzia 130, cento.....	1$160

Fé de mais...—Pelo correio tem sido distribuida ultimamente, em enveloppe fechado, a seguinte oração, que uma nossa leitora, a quem ella foi tambem endereçada, amavelmente nos cedeu:

ORAÇÃO

Bemaventurado S. José, cuja protecção nos é tão necessaria perante Nosso Senhor, venho depositar em vossas bemditas mãos as minhas intenções pedindo-vos para que me dispenseis a vossa intercessão junto da vossa muito amada filha adoptiva, para eu obter d'Ella a graça de ser attendida (aqui se pede o que desejam) o que me seria impossivel sem o vosso auxilio e intercessão, pelo qual possa offerecer ao vosso Santissimo Filho as minhas homenagens de cada dia.

Obrigações impostas pela Oração

Quem receber esta oração fica obrigada a rezal-a durante 30 dias, a contar desde o dia em que pedir alguma graça.

Deverá tirar 5 copias, que destribuirá por 5 amigas.

Esta destribuição será feita no praso de 3 dias, contados desde a recepção pelo correio.

Ora, não era bem melhor que esta santa gentinha occupasse o seu tempo n'outras coisas mais proveitosas do que andar com estas irrisorias patacoadas?!

Sem duvida. Mas... fiem-se no S. José, fiem, e esperem-lhe pelo resultado... depois.

Olha quem é capaz de fazer um favor...

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Comprae

OSMOND

Camara Municipal

DE

AVEIRO

Construcção do novo edificio para o "Asylo-Escola Districtal,,

POR deliberação da Camara da minha presidencia, se faz publico que no dia 18 do proximo mez de maio, pelas 12 horas da manhã, e na secretaria do municipio, se ha de proceder á arrematação da empreitada geral da construcção do novo edificio destinado á installação das duas secções do «Azylo-Escola-Districtal», hoje sob a administração d'esta camara, segundo o projecto superiormente approvado e nas condições constantes do respectivo caderno d'encargos, o qual estará patente na mesma secretaria todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

A base de licitação é de 24:000$000 réis, e o deposito provisorio para ser admittido á licitação é de 5 p. c. d'esta importancia.

Aveiro e secretaria da Camara municipal, em 27 de Abril de 1905.

O PRESIDENTE DA CAMARA,

Custavo Ferreira Pinto Basto.

A nossa carteira.—Foi transferido para a comarca de Cantanhede, o sr. dr. Manuel Nunes da Silva.

— Regressou de Lisboa, á sua casa d'Agueda, o sr. conde d'Agueda.

— Fez annos o sr. desembargador, Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, d'Agueda.

As nossas felicitações.

— Encontra-se em Lisboa, o sr. Fernado Augusto Soares, de Buarcos, Figueira da Foz.

— Regressou de Santarem o sr. Antonio Maria Ferreira.

— Tem estado em Aveiro, o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida, advogado em Oliveira do Bairro.

— Tambem se encontra n'esta cidade, vindo de Lisboa, o sr. Manuel Pereira Serrão, armador de navios n'aquella cidade.

— Tambem esteve entre nós, retirando sexta-feira para o Porto, o sr. Americo da Graça.

— Com sua esposa e filhos, tem estado em Agueda, o sr. dr. Antonio Homem de Mello, secretario do tribunal do commercio do Porto.

Musica no jardim.—O programma que a banda de infanteria 24 executa hoje no jardim, das 5 ás 7 da tarde, é o que se segue:

Marcha. *Gioconda*, selection da opera (Pondiell). *Ave Maria* (Gounod) *Viagem do Gama*, ode simphonica (Moraes). *Marianna*, suite de walsas (Waldtenfel) *Le regiment qui passe*. Marcha (Eilemberg.)

O tempo.—Depois de alguns dias de verdadeiro inverno, intermeado de saraivadas e ventanías medonhas, succedeu um tempo mais agradavel, sem chuva, mas ainda com noites frigidissimas e ventanías agrestes. Arvores e vinhedos soffreram bastante com isso e talvez um terço da producção se perdesse.

Entretanto, como a nascença era muita, não deixará de haver abundancia vingando ainda o que resta.

Feitios quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

CASA

PRECISA-SE comprar uma casa em bom estado de conservação e com bastante quintal. Prefere-se do Largo da Vera-Cruz até á linha de ferro.

Quem tiver e quizer vender, dirigir carta ao Hotel Central com o preço e as condições—L. G.

PALHEIRO

VENDE-SE um na Costa Nova, conhecido por o palheiro do Padre Antonio Taboleiro, de Ilhavo.

Para tratar com padre José Marques de Castilho, director da Escola Districtal, d'esta cidade.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

José Maria Soares

medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Album, ou livro contendo as licções da *Catilha Maternal* em ponto grande . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Guia prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Crítica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escriptu.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça,* corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encommenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.ª

LISBOA

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vellas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; óbtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

R. da Boa Vista, 3—Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO